

I HISTÓRIAS DE UMA CATEQUISTA

Em agosto de 2010, iniciei minha caminhada na catequese do Colégio Ibituruna. A princípio, fui acolhida por Riselha Dantas, a coordenadora da época. Fiquei com uma turminha de 8 anos junto da estimada Dona Nina, um ser humano incrível. Fui recebida com muito carinho e aprendi com aquela catequista experiente, simples e muito singular. Ela me fazia sentir tão bem e útil em uma tarefa que não sabia como fazer direito. Lembro-me que, a cada final de encontro, ela acompanhava-me com amor e esperávamos meu esposo me buscar; ele, às vezes, questionava se era mesmo a hora de entrar para uma catequese, porque tínhamos filhos pequenos. Dona Nina o acolhia com tanta gentileza e me direcionava para meu lar em harmonia, após sorrisos, conversa delicada, olho no olho e desejo de que nossa família permanecesse na presença de Deus. Como esse olhar dela fez diferença e oportunizou que eu continuasse a caminhada de fé que iniciava. Muita GRATIDÃO a essa mulher de fé inabalável!



“A messe é grande e os operários são poucos.” Então foi necessário assumir um grupo de fé sozinha, ou melhor, acompanhada por uma equipe muito bem preparada e pelo Espírito Santo que nos dá sabedoria para fazer uma melhor entrega. Desafio dado! Desafio aceito! Estudei muito e trocava experiências com outras catequistas. E o que creio que também foi um diferencial é que ouvia meus catequizandos, quais eram seus desejos, os sentimentos e o que já sabiam e como ajudá-los a avançar na sua trajetória de fé. Parece loucura dizer que ouvia as crianças, mas só quem convive ou conviveu com público infantil sabe que eles são como fermento se inspirados, crescem e transformam-se, se não, buscam fazer “algumas bagunças”, porque são espertos. Alguns chamam de indisciplina, já eu acredito muito que, quando não há interesse em participar de uma proposta que não faz sentido naquele momento, qualquer pessoa não colocará sua importância onde não há compreensão. Segundo Dom Hélder Câmara, não basta olhar para ver. Ver supõe o mergulho que atinge, no íntimo dos seres, as raízes de Deus.

Minha jornada catequética sempre foi desafiante: trabalhei com crianças bem pequenas, tive uma função na chamada equipe de apoio. Ufa! Essa entrega permitiu que eu entrasse num grupo de fé que não tinha catequista para aquele dia. Mas, não sabia o que eles estavam desenvolvendo, não havia preparado nada e como atender de modo significativo. A única saída era ouvir as crianças e estar a serviço do que elas precisavam naquele momento. E acreditem, elas sabiam direitinho onde havia parado e era possível dar continuidade ao encontro com a orientação delas. Eis a grandeza da escuta. Eis a certeza de que um grupo de fé não nasce pronto. Percebe-se que as formações que sempre fazíamos nos preparavam para essa missão tão sublime.

As várias etapas de formação nos colocavam em prestígio, pois tínhamos assembleias anuais, oficinas catequéticas, em alguns desses encontros era possível trocar experiências com catequistas de outras comunidades locais e também de outras presenças BH (MG) e Serra (ES). Tive o privilégio de ser convidada para ser animadora em algumas oficinas catequéticas, e as experiências foram extraordinárias. Trabalhei com a querida Irlane, “nossa Laninha”, como a chamamos carinhosamente; com a Natália, uma moça linda e muito amável da comunidade Calasanz, e com uma grande amiga, Aline Alves, com quem trabalhei na equipe de Pastoral do Colégio Ibituruna e por quem tenho muito carinho, pelo ser humano extraordinário que é. Tivemos trocas singulares e, na verdade, aprendíamos muito com cada catequista que relatava suas experiências em seu grupo de fé e abraçava a proposta que apresentávamos. Acredito muito que a multiplicação vem da partilha e assim fizemos várias vezes.

Como dizia Madre Teresa de Calcutá, “O que eu faço é simples: ponho pão nas mesas e compartilho-o.”

Essa função era da estimada Glaucilene, nossa coordenadora geral do Movimento Calasanz. Ela estava sempre disponível a nos ajudar em todas as etapas necessárias para que as formações acontecessem com desenvoltura e significado. Portanto, quando estamos sozinhos, podemos chegar mais rápido, mas estar bem acompanhados nos coloca em lugares extraordinários. Obrigada, Glau! Pela confiança, olhar acolhedor e sorriso amigo de sempre que trazia refrigerio e a certeza de que daríamos conta da missão destinada a cada uma de nós.

Todo trabalho voluntário culmina em obras sociais, e a catequese do Colégio Ibituruna celebrava, a cada ano, a Festa Maína, uma festa escolar típica onde os estudantes dançavam. Era um evento maravilhoso. A catequese ficava responsável por produzir o macarrão, que seria vendido entre outras comidas típicas dessa festividade. Amava fazer esse trabalho! Iniciávamos na quinta-feira, para dar conta de preparar a quantidade necessária para servir nosso público. No dia da festa, sempre num sábado pela manhã, era sagrado reunir-se Riselha, Dona Nina, Laninha e eu. Era uma mistura de temperos, aromas e uma alegria de saber que toda entrega ajudaria muitos irmãos em Cristo que viviam em estado de vulnerabilidade. Era uma entrega nossa, pequenina, mas muito valiosa para os destinatários.

Lembro-me do dia em que o padre Carmelo, diretor espiritual da catequese do Colégio Ibituruna na época, disse que queria falar comigo. Fiquei muito curiosa e até bastante ansiosa. O que será que fiz de errado? Será que minha entrega não está de acordo com a necessidade das crianças? Confesso que, naquele dia, o encontro parecia não ter fim... queria muito saber o que me aguardava. O padre Carmelo me esperava na capela e me fez um convite: participar da Fraternidade Escolápica da presença de GV. Nossa! Quanta honra! Como não aceitar se creio ter nascido escolápica? Amo a educação e a Palavra de Deus. Saber que todo esse propósito de fé objetiva na transformação social, não pensei duas vezes e abracei a causa.

Particpei de um momento maravilhoso no Centro Social Itaka, para adentrar no universo da Fraternidade Escolápica. Fizeram uma recepção muito caprichada, porque estava muito claro o quanto de amor havia envolvido em cada ação: desde a acolhida, ornamentação, oração, escolha do cardápio e um brilho no olhar dos membros que prepararam o encontro que foi cativante. E, desde então, minhas segundas-feiras tiveram um novo formato. Estava feliz em saber aonde a catequese havia me levado. Onde deveria germinar agora? Quais frutos deveria produzir?

Memórias incríveis de poder ser colaboradora em um projeto tão lindo. Tenho muitas recordações que fazem parte da minha história, ganhei amigos, aproximei de tudo que acreditava. Estive em BH para participar da promessa de membros da Fraternidade daquela presença. Envolvimento e dedicação total! Em GV, tínhamos inúmeras formações e estava sempre presente. Lembro que minha avó materna, vovó Cecília, dizia que Deus direciona as pessoas quando precisam de nós e as levam até nós. E, quando era procurada, sempre oferecia meu sim. Eis-me aqui, Senhor!

Em contrapartida, fui muito questionada, porque fui escolhida para estar na Fraternidade Escolápica. Se tinha tanto medo de perder meu emprego como professora do Colégio Ibituruna e tive de aceitar/engolir uma proposta que me daria tanto trabalho. A melhor resposta foi um sorriso e a entrega de algo que estava me encantando e que assim como os que já estavam lá escreviam essa nova história junto aos padres escolápicos. "Avante, Renata!", foi meu pensamento e expectativa.

Às vezes, Deus me envia instantes de paz; nesses instantes, amo e sinto que sou amado; foi num desses momentos que compus para mim mesmo um credo, onde tudo é claro e sagrado. Esse credo é muito simples. Ei-lo: Creio que não existe nada de mais belo, de mais profundo, de mais simpático, de mais viril e de mais perfeito do que o Cristo; e eu o digo a mim mesmo, com um amor cioso, que não existe e não pode existir. Mais do que isto: se alguém me provar que o Cristo está fora da verdade e que esta não se acha nele, prefiro ficar com o Cristo a ficar com a verdade. (Dostoiewski, p. 20)

Passado um tempo, fui convidada a fazer parte da Equipe de Pastoral do Colégio Ibituruna. Que misto de sentimentos! Cláudia Lopes, minha coordenadora naquele momento, um ser humano

diferenciado, uma mulher autêntica e acolhedora! Como foi especial esse período, tive a oportunidade, enquanto agente de pastoral, de produzir material para as catequistas, porque naquele momento não tínhamos material físico. Havia livros somente de orientação para os catequistas e eles escolhiam o que queriam e eu confeccionava de acordo com o pedido deles. Tal trabalho contribuiu bastante para que eu conhecesse todo o itinerário por faixas etárias. Isso facilitou muito quando fui do grupo de apoio e entrava nas salas para atendimento aos catequizandos. Vale citar que, como sou pedagoga, todo esse processo faz parte de minha formação acadêmica. Imensa gratidão a Claudinha Lopes pela confiança e por ter apostado em mim. Aprendi e levo lições que mudaram o rumo da minha história. Autoconhecimento é vida!

Depois, a catequese do colégio adotou um material e quero dedicar umas palavras ao material escolhido. Para cada encontro, há primeiramente uma preparação orante para o catequista antes de entrar na proposta que será trabalhada com os catequizandos. Esse detalhe fazia toda a diferença. Atualmente, fazemos tudo com muita correria, estamos atuando em vários lugares e como fazer a melhor entrega quando não entramos na dinâmica do encontro do grupo de fé? Ao iniciar uma oração, pedindo ao Espírito Santo sabedoria, para que Deus nos ajude a levar o que de fato fará diferença para todas as pessoas envolvidas nesse propósito de fé, oportuniza um diferencial na entrega e acolhida aos nossos destinatários. É de suma importância que não seja apenas mais uma tarefa. Pelo contrário é um momento de autocuidado com o catequista para que seja possível externar posteriormente esse cuidado para com o Outro.

Aproveitava cada dia de preparar o encontro para estudar, saborear o momento pensado para mim, a catequista. Sentia-me honrada e quista! Além disso, os catequizandos percebiam que o encontro havia sido preparado com amor e zelo. E, certamente, quando sabemos o quanto de amor colocaram em um momento só para nós, nossa acolhida é diferenciada. Eles comentavam como tudo estava especial e sentiam-se especiais! Esses comentários eram revigorantes! Contudo, quando você faz sua melhor entrega, por mais simples que seja, torna-se memorável, porque o que se dá de coração é recebido com amor e externado aos demais. Como nos ensina Clarice Lispector, todos os dias, quando acordo, vou correndo tirar a poeira da palavra 'amor'".

Apesar de aceitar estar em variados segmentos dos grupos de fé, sou um pouco tímida e nunca manifestei desejo por ser catequista de grupos que fariam os sacramentos, Primeira Eucaristia e Crisma. Então, vivia feliz nos segmentos em que atuava. Mas, um ano foi necessário assumir o grupo de Pentecostes I com a proposta de acompanhá-los até a etapa para receberem o sacramento. Relutei um pouquinho, mas o Senhor chamou e aceitei. Porém, junto a mim ficaria um catequista recém-chegado ao Movimento Calasanz. Ele tinha experiência com catequizandos nesse segmento, é jovem, tecnológico-digital, falava a linguagem dos meninos e eu, experiente na jornada do Movimento Calasanz. Fizemos uma parceria incrível! Foi muito especial trabalhar com meu amigo, Gilson Boy. Menino de coração enorme, criativo, disponível e muito aberto ao novo. Caminhávamos com maestria, e os catequizandos percebiam nossa interação e integração. Tudo transcorreu naturalmente, lindamente, estávamos felizes com os resultados e presenças integrais dos meninos.

No ano seguinte, veio uma notícia difícil, porque não seguiríamos juntos no grupo de fé. Foi necessário nova enturmação. Nós sabemos que nem sempre é fácil encontrar pessoas para trabalhar com essas faixas etárias. Tentamos de tudo, mas sem sucesso! Sendo assim, ele permaneceu para receber os adolescentes que chegariam em Pentecostes I, e eu seguiria com o grupo que acompanhei no ano anterior, para direcioná-los ao sacramento da Crisma.